

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

Um outro tema merece ainda ser assinalado: o da projecção sobre o oprimido, seja ele qual for, do Mal que obceca o opressor. Assim este consegue, radicalmente, «tornar-se branco» aos seus próprios olhos: o Mal, com efeito, não pode vir dele, por estar sempre localizado algures, em qualquer Outro absolutamente diferente (o negro, a prostituta); e ainda que lhe aconteça proceder mal, será por culpa do Mal que lhe terá saltado em cima, o enfeitou, o contaminou.

FRED — *Dá sempre azar ver um preto. Os pretos são o demónio.*

FRED (a Lizzie) — *Tu és o Diabo! Deitaste-me mau olhar. Estava no meio deles, tinha o revólver à mão e o preto balançava-se de um ramo. Olhei-o e pensei: desejo-a. Não é natural... Que é que se passa nisto? Que é que tu fizeste, feiticeira?*

Recordemos aqui alguns passos do Saint Genet:

...O espírito, como disse Hegel, é inquietação. Mas esta inquietação causa-nos horror; há que suprimi-la, imobilizar o espírito, eliminando-lhe a mola da negatividade. Por não poder jugular inteiramente esta exigência maligna, o homem de bem castra-se: da sua liberdade ele arranca o momento negativo e arremessa para fora de si esse pedaço sangrento. Eis a liberdade dividida em duas: cada uma das suas metades estiola-se para seu lado. Uma delas fica em nós. Para sempre ela identifica o Bem com o ser, portanto com o que já existe... A outra metade da sua liberdade, separada dele, atirada longe nem por isso o deixa tranquilo... O homem de bem far-se-á surdo, mudo, paralítico... Definir-se-á estreitamente pelas tradições, pela obediência, pelo automatismo do Bem, e chamará tentação a todo esse vago e gritante rumor que é ainda ele próprio, mas um «ele próprio» selvagem, livre, exterior aos limites que a si mesmo se traçou. A sua própria negatividade cai fora dele, visto que a nega com todas as suas forças. Substantificada, separada de qualquer intenção positiva, ela torna-se uma negação pura, que se põe apenas como negação, pura raiva de destruir, que gira à volta de si mesma: o Mal... Originariamente, o Mal, nascido do medo que o

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

homem de bem tem em frente da liberdade, é uma projecção e uma catarse.

Com *Les Mains Sales*, abordamos pela primeira vez uma situação na qual uma colectividade, uma vez reconhecida e definida a opressão que sobre ela pesa, empreendeu efectivamente libertar-se disso: é o proletariado que constitui aqui o pano de fundo da peça. E todo o conflito entre Hoederer e os outros dirigentes do Partido proletário reduz-se a uma questão de oportunidade — dado que Hoederer e os seus partidários (que têm uma voz de maioria) estão convencidos da necessidade de uma aliança com os outros partidos políticos contra o eventual ocupante, enquanto os seus adversários no Comité Central temem que uma tal iniciativa vá de encontro a uma política de conjunto, cuja linha eles ignoram, desde que foram cortadas as ligações com a URSS. Os adversários de Hoederer tentarão suprimi-lo e será Hugo, jovem intelectual de origem burguesa, que rompeu com a família para se ligar ao comunismo, será ele que há-de ser enviado a Hoederer como secretário, para realizar tal missão.

O essencial do drama reside nesta distanciação entre o conflito que opõe Hoederer aos seus adversários de origem proletária, e o que o opõe a Hugo. De modo que Hugo, julgando estar de acordo com os que o mandam matar Hoederer, encontra-se na realidade absolutamente só, frente a adversários que continuam a entender-se quanto ao essencial e apenas se separam quanto a uma questão de táctica. Hugo é um bom adolescente que de súbito se vê metido no meio de homens. É Orestes mergulhado no mundo moderno, num mundo em que há que ter em conta os outros, em que outras consciências nos bloqueiam de todo o lado, em que o próprio sentido que julgamos dar aos actos nos é imediatamente roubado e que quando nos regressa à mão vem falseado, sofismado, corrompido. Um mundo, enfim, em que a liberdade aristocrática já não é viável, em que a salvação pessoal já não tem sentido, em que o homem não poderia tornar-se livre em solidão, aceitando que os seus semelhantes continuem escravos. Já se não trata de uma libertação do remorso e contra os deuses, em atitude heróica e grandiosa, mas de trabalhar entre os homens pela libertação de todos os homens. Não se trata já de revolta, mas de revolução.